



GRUPO DE APOIO PSICOSSOCIAL: EXPERIÊNCIA DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.

Rafaela da Paixão Gurjão¹
Lenara Antão de Alencar Ribeiro Souza²
Sheila Kaline Leal da Silva³

Categoria: relato de experiência

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Famílias de pessoas público alvo da Educação Especial

Resumo: A família é o espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de diversos aspectos significativos de constituição inter e intrapessoais. Alguns pais são capazes de funcionar com relativa facilidade e até de “crescer e enriquecer”, enquanto outros, frente ao diagnóstico de deficiência do filho, não funcionam e até desenvolvem perturbações mais ou menos graves. Diante disso, o objetivo do trabalho é relatar a experiência de um grupo de apoio psicossocial para os pais de crianças com deficiência na educação especial proporcionando uma reestruturação de crenças e a mudança de atitudes e comportamentos contribuindo para o desenvolvimento psicossocial dos seus filhos. O relato de experiência foi realizado com 15 familiares (13 mães e 2 pais) de alunos da educação especial vinculado a Secretaria Municipal de Educação SEMED/Marabá. Os familiares foram atendidos uma vez por semana, pela manhã, com duração de 90 minutos, aproximadamente, desenvolvido em 10 encontros. As atividades se baseavam em jogos, dramatizações, tarefas e exercícios de dinâmica de grupo e de sensibilização. Conclui-se que o grupo de apoio psicossocial constitui uma estratégia de cuidado e de reflexões sobre as práticas educativas de crianças com deficiência.

Palavras-chave: grupo de apoio psicossocial; pais; educação especial.

I- INTRODUÇÃO

A família é o espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de diversos aspectos significativos da constituição inter e intrapessoais. É no espaço familiar que se desenvolve os diversos estilos parentais, em que a partir das

¹ Rafaela da Paixão Gurjão. Psicóloga. SEMED//Prefeitura Municipal de Marabá. gurjaopsi@gmail.com.

² Lenara Antão de Alencar Ribeiro Souza. Assistente Social. CAS/Secretaria do Estado do Piauí. lenarasouza@hotmail.com.

³ Sheila Kaline Leal da Silva. Assistente Social. PROEX/Universidade do Sul e Sudeste do Pará. sheilapt@yahoo.com.br.

interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido de autoridade, a forma de negociar e de lidar com o conflito no contexto de uma relação vertical (ALARCÃO, 2006).

Os pais projetam uma criança em suas mentes e, desde o princípio da gravidez, fantasiam sobre o sexo do bebê, o desempenho na escola e a carreira profissional. O lugar da criança na família é determinado pelas expectativas que os progenitores têm sobre ela. Para Amiralian (1986), a decisão de ter um filho se relaciona diretamente com a realização de desejos dos pais, das suas necessidades e com as gratificações e recompensas que a criança poderá lhes trazer.

Diante de nossas avaliações e acompanhamentos realizados na escola, percebemos que, com muita frequência, que alguns pais são capazes de funcionar com relativa facilidade e até de “crescer e enriquecer”, enquanto outros, frente ao diagnóstico de deficiência do filho, não funcionam e até desenvolvem perturbações mais ou menos graves. Para assegurar o desenvolvimento da criança com deficiência, os pais, na maioria das vezes, têm que se adaptar a novas condições sociais, o que irá provocar mudanças na estrutura familiar.

Estudos de Pereira (2001) destacam o impacto da deficiência sobre o funcionamento da família e sua participação no processo de desenvolvimento da criança, nos quais revelam que as relações construídas entre seus membros podem proporcionar a criança com deficiência um ambiente que lhe favoreça o desenvolvimento.

Muitos estudos e pesquisas em Psicologia enfocam os estilos parentais e seus efeitos sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes (BAUMRIND, 1966; MACCOBY, 1992). O estudo dos estilos parentais enfoca a educação de filhos, investigando o conjunto de comportamentos dos pais que cria um clima emocional em que se expressam as interações pais-filhos, tendo como base a influência dos pais em aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos (WEBER et al,2004).

Segundo Maccoby e Martin (1983) existem quatro estilos parentais: o autoritativo, o autoritário, o indulgente e o negligente. O estilo autoritativo resulta da combinação entre exigência e responsividade em altos níveis. Pais autoritativos estabelecem regras para o comportamento de seus filhos que são consistentemente enfatizadas. Eles monitoram a conduta, corrigindo atitudes negativas e gratificando atitudes positivas. São pais que em geral têm altas expectativas em relação ao

comportamento dos filhos em termos de responsabilidade e maturidade. Além disso, são afetuosos na interação, responsivos às necessidades e frequentemente solicitam a opinião quando conveniente, encorajando a tomada de decisões e proporcionando oportunidades para o desenvolvimento das habilidades (BAUMRIND, 1966; MACCOBY; MARTIN, 1983; MACCOBY, 1992)

O estilo autoritário resulta da combinação entre altos níveis de controle e baixa responsividade. Pais autoritários são rígidos e autocráticos. Eles impõem altos níveis de exigência, estabelecendo regras restritas, independente de qualquer participação da criança. Tendem a enfatizar a obediência através do respeito à autoridade e à ordem. Frequentemente utilizam a punição como forma de controle do comportamento. Não valorizam o diálogo e a autonomia, reagindo com rejeição e baixa responsividade aos questionamentos e opiniões da criança (BAUMRIND, 1966).

O estilo indulgente resulta da combinação entre baixo controle e alta responsividade. Pais indulgentes, em oposição aos autoritários, não estabelecem regras nem limites para a criança, estabelecendo poucas demandas de responsabilidade e maturidade. São excessivamente tolerantes, permitindo que a criança monitore seu próprio comportamento. São afetivos, comunicativos e receptivos com seus filhos, tendendo a satisfazer qualquer demanda que a criança apresente (BAUMRIND, 1966).

O estilo negligente resulta da combinação entre controle e responsividade em baixos níveis. Pais negligentes não são nem afetivos nem exigentes. Demonstrem pouco envolvimento com a tarefa de socialização da criança, não monitorando seu comportamento. Tendem a manter seus filhos à distância, respondendo somente às suas necessidades básicas. Enquanto os pais indulgentes estão envolvidos com seus filhos, os pais negligentes estão frequentemente, centrados em seus próprios interesses.

Sólcia (2004) explica que pessoas podem não estar preparadas emocionalmente para atuar como pais por diversos motivos: a falta de modelos anteriores adequados, a falta de conhecimento de regras sobre os procedimentos e etapas do papel que irão desempenhar, pela imaturidade pessoal e conjugal, pela gravidez indesejada e, assim, a ruptura e transformação do cotidiano do casal ou da família que irá acolher esta criança.

Buscaglia (1993) afirma que a criança aprende sobre o mundo e a vida principalmente através dos membros familiares, mesmo que de modo inconsciente. Se o padrão predominante é o medo do mundo, provavelmente a criança crescerá medrosa, se for pela caridade, provavelmente ela terá traços de generosidade, etc. Mas é importante ressaltar que não são apenas os comportamentos conscientes, mas também os sentimentos e padrões não declarados, inconscientes que permeiam as interações. Através destes, a criança irá vagarosamente perceber quem ela é, qual lugar habita e lhe é dado dentro da família, desenvolvendo assim sua autoconsciência. As relações escolares, as novas amizades proporcionam também novos insights sobre quem é ela, ensinam novos comportamentos e exigências para melhor adaptação social.

A família é aquela que oferece apoio, compreensão e aceitação, em um ambiente constante, e quando essa recebe um diagnóstico de seu filho, os pais passam por um processo de luto. Sólcia (2004) elenca alguns fatores que são relevantes para o processo de aceitação e adaptação dos familiares para com a pessoa com deficiência, como o desejo pela gravidez; o tipo de personalidade dos membros familiares, compreendendo que isto implica em como vão lidar com a dor e a frustração (se retraindo e fechando, ou esbravejando, culpando, etc); como está a relação matrimonial antes da gravidez ou do evento que gerou a deficiência, de modo que a criança não seja o bode expiatório dos problemas conjugais; o nível sócio cultural, pois quanto maior é este nível, maior são as expectativas projetadas; o grau de preconceito para com pessoas com deficiência; a aceitação de sentimentos negativos para com a situação emergente e como lidam com tais.

Desta forma, a família de uma criança com deficiência precisa de ajuda para reconstruir metas e objetivos, e principalmente como lidar com os sentimentos que surgem no cotidiano. O apoio e a mediação de profissionais podem minimizar o impacto, mostrando as expectativas reais e possíveis para a vida de seus filhos.

Para que ocorra essa reconstrução usaremos a terapia cognitiva (BECK, 1997; RANGE, 2001), no qual partem no pressuposto básico de que existe uma inter-relação entre cognição, emoção e comportamento, sendo que as emoções e os comportamentos são influenciados pelo pensamento.

A terapia cognitiva ou cognitivo-comportamental trabalha com metas de terapia que são estabelecidas em conjunto pelo paciente e pelo terapeuta a partir da conceituação cognitiva do caso. A estratégia básica dessa terapia é produzir

mudanças através da reestruturação cognitiva e treino comportamental. A reestruturação cognitiva visa produzir a flexibilidade de pensamento, reduzindo as distorções. (BECK, 1997; RANGÉ, 2011).

O grupo de desenvolvimento se distingue do grupo terapêutico, pois o primeiro visa tão somente à orientação e à educação. Segundo Kurt Lewin (1992), acredita-se que o trabalho em grupo produz aprendizagens e mudanças cognitivo-comportamentais

O presente relato de experiência tem como objetivo geral propiciar uma reestruturação de crenças e a mudança de atitudes e comportamentos para uma melhor qualidade de vida e desenvolver a flexibilidade de pensamento, favorecendo avaliações mais realistas, de si mesmo, dos outros, dos relacionamentos sociais frente a diversas situações. À medida que se percebe que os pais também necessitam de atenção, cuidado e informação para que possa contribuir de forma mais efetiva para o desenvolvimento psicossocial dos seus filhos com deficiência.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se fundamentou numa abordagem qualitativa, no sentido de resgatar a perspectiva dos participantes (BOGDAN; BIKLEN, 2004). Participaram 15 familiares (13 mães e 2 pais) - na faixa etária de 24 a 45 anos de idade; renda mínima de até 2 salários mínimos; escolaridade 10 apresentam ensino médio completo, 3 apresentam ensino fundamental completo e 2 apresentam ensino superior incompleto - de alunos da educação especial vinculado à Secretaria Municipal de Educação SEMED/Marabá. Foi utilizado um método descritivo e analítico das falas dos (as) participantes que se estruturou em etapas. O primeiro passo da investigação foi o contato com os pais para os procedimentos éticos e de apresentação do objetivo do grupo.

Os encontros aconteceram numa escola. Os familiares foram atendidos uma vez por semana, pela manhã, com duração de 90 minutos, aproximadamente, desenvolvido em 10 encontros.

As atividades se baseavam em jogos, dramatizações, tarefas e exercícios de dinâmica de grupo e de sensibilização.

Os encontros desenvolveram da seguinte forma:

- 1) Apresentação do projeto e estabelecimento do contrato com os pais. Apresentação do grupo (trocam informações e se conhecerem);

- 2) Preparação para as atividades em grupo, iniciando com o tema: O Papel da Família; Estilos Parentais;
- 3) O que os Pais Sentem? O que os Pais Precisam Ouvir?;
- 4) Autoconceito/Autoestima: percepção de si próprio, com ênfase nesta fase da descoberta da deficiência do filho.
- 5) Expectativas: perspectivas para os próximos anos, atentando para o que que real e possível.
- 6) Objetivos e Metas possíveis para seu filho: identificação de interesses e avaliação de adequação e visibilidade conforme a deficiência do filho;
- 7) Regras e limites: trabalhar os estilos parentais.
- 8) Ciúmes entre irmãos: formulação de estratégias quando o ciúme surgir.
- 9) Sexualidade dos filhos: trabalhar a sexualidade dos filhos.
- 10) Direitos da pessoa com deficiência: garantir os direitos.

Os encontros desenvolveram da seguinte forma: primeiramente era explicitado a temática do encontro, em seguida realizamos a dinâmica para sensibilização dos pais, em média, durava 30 a 40 minutos, posteriormente tinha a roda de conversa, no qual era exposto seus pensamentos, crenças diante da temática e os profissionais intervinham conforme os discursos dos participantes.

Foi utilizado para análise dos dados a técnica de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2007, p.33) é “ um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa apresentam, em síntese, as discussões e relatos da experiência vivida pelos pais no grupo de apoio psicossocial, e foram estruturadas conforme as temáticas trabalhadas.

Ao considerarmos as seguintes temáticas: **O que os Pais Sentem? O que os Pais Precisam Ouvir?; Autoconceito/Autoestima e Expectativas**, no qual evidenciou, na maioria, a sensação de impotência dos pais diante da tarefa de criar um filho com deficiência. Os pais não confiam em suas capacidades, ficam muito ansiosos e sentem-se culpados por muitas vezes não terem evitado a situação e

muitas vezes não compreenderem as necessidades de seus filhos. Como pontuaram Salvador e Gallart (1999) o processo de aceitação dependera de diversos fatores como, por exemplo, se a gravidez foi desejada ou não, como estava a relação do casal, a posição do filho na família, pois sendo o primogênito as expectativas são maiores assim como a decepção.

Solcia (2004) afirma que os familiares necessitam de informações claras e objetivas sobre a deficiência e suas necessidades, potencialidades e limitações e apoio para lidarem com a ansiedade que surge sobre o desenvolvimento para que não criem altas expectativas trazendo frustrações desnecessárias e evitáveis assim como a falta de expectativa despotencializa a famílias a buscar estimulações e novidades para o desenvolvimento da criança, como afirma a fala da mãe B:

“Se dependesse do meu marido, o meu filho não estaria evoluindo tanto, porque quando foi diagnosticado com autismo, ele queria que ele ficasse só em casa, sem conviver com outras pessoas. Eu disse que não e fui atrás de terapia, de esporte para ele.” (Mãe B)

Quanto à temática **“Objetivos e Metas possíveis para seu filho”**, os pais apresentaram objetivos e metas irreais ou às vezes nenhuma, sendo difícil discriminar o que devem esperar dessa criança com deficiência e aquilo que seria uma exigência descabida.

Na temática **“Regras e limites”**, percebe-se um estilo parental permissivo, no qual os pais exercem pouco ou nenhum controle sobre o comportamento dos filhos ou superproteção, o que impede que desenvolvam comportamentos adequados, tornando-os indefesos e incapazes, ocasionando a baixa autoestima e sentimento de insegurança perante os outros. Outro aspecto trabalhado foi ter consciência que a criança com deficiência possui necessidades especiais muitas vezes de modificações ambientais, observações e orientações, assim como devem castigar, colocar limites, chamar atenção. Como exemplo, temos a fala da mãe C, seu filho apresenta deficiência intelectual:

“Eu trabalhava o dia inteiro e F. fazia o que queria em casa com minha mãe e eu não colocava nenhum limite, deixava passar.”

Muitos pais possuem mais de dois filhos, e a temática **“Ciúmes entre irmãos”**, demonstrou que eles diferenciam muito no estilo parental, pois atendiam, na maioria das vezes, todas as necessidades da criança com deficiência e outro irmão acabava sendo negligenciado pelo excessivos cuidados ao outro ou cobrado

comportamentos mais adequados. Nesta constante luta entre o educar da melhor maneira um filho com deficiência e outro não, percebemos a desarticulação entre os casais, pois não apresentam diálogos coerentes para a educação, ou a mãe era sobrecarregada pela árdua tarefa.

Quanto à “**Sexualidade dos filhos**” ocorreu um constrangimento foi geral, pois apesar de todos os avanços, esse assunto ainda permanecer como um tabu. Os pais apresentaram muita dificuldade, negação e até a repressão da sexualidade dos seus filhos. Pensavam que seus filhos seriam seres assexuados e incapazes de sentir e externar suas emoções e sexualidade.

Nesta constante luta de quebrar o preconceito e levar as informações necessárias aos pais, que Schmidt e Ostrnoff (1999) enfatizam que as oficinas suscitam o rompimento com estados de isolamento, ativam laços sociais e de comunicação, contribuindo para desencadeá-lo de sentimentos de enraizamento e de pertença social.

A concepção e a luta pela educação inclusiva enquanto um movimento mundial deve ser compreendido não só pelo cunho pedagógica, cultural, política, mais também social partindo da premissa de que a educação é o véis pelo qual se forma a sociedade e, é através dela que também perpassamos nossos modelos e concepções de família, cidade, nossos valores morais e culturais. Nesse sentido, foi desenvolvido na temática “**direitos da pessoa com deficiência**” o estudo da Lei de Inclusão da Pessoa com deficiência debatendo seus entreves e sua efetivação para melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência.

V- CONCLUSÕES

A família desempenha um importante papel para o desenvolvimento integral da criança com deficiência, pois é um ambiente social de maior permanência da mesma, podendo proporciona-lhe um ambiente de crescimento e desenvolvimento favorável ou não. Por isso os pais devem e precisam ser vistos e inseridos como agentes ativos no processo para que as dificuldades sejam superadas e a participação em grupos de apoio e programas pode favorecer, sendo um espaço de aprender com o outro, adquirir conhecimentos sobre os desafios de educação e auxiliando nos recursos de enfrentamento e adaptação para melhoria da qualidade dos vínculos familiares.

Evidenciamos, um conjunto de práticas que afetam o desenvolvimento, a permanência ou continuidade de atividades importantes para os filhos, pelo medo, angústia e superproteção de alguns pais. Além de possibilitar um espaço de expressão, reflexão e ressignificação dos pensamentos, sentimentos e emoções com os familiares dos alunos da educação especial, é necessário o treinamento de habilidades sociais educativas. É ressaltamos a importância de mais profissionais (fonoaudiólogo, fisioterapeuta e pedagogo) nos grupos e programas para uma compreensão mais global do desenvolvimento da criança.

VI- REFERENCIAS

- ALARCÃO, M. **(Des)Equilíbrios Familiares**. Coimbra: Quarteto, 2006.
- AMIRALIAN, M.L.T.M. **Psicologia do Excepcional**. São Paulo: EPU, 1986.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Ed. 70, Lisboa.1977.
- BAUMRIND, D. Harmonious parentes and their preschool children. **Developmental Psychology**, v.4, n.1, 1966.
- BECK, J.S. **Terapia Cognitiva: teoria e prática**. Porto Alegre/RS: Artmed. 1997.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - **Características da investigação qualitativa**. In: *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora, 2004.
- GALLART, Isabel Solé. **Psicologia da Educação**. PORTO ALEGRE: Maxbooks. Vol. Único.1999.
- LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- MACCOBY, E.; MARTIN, J. **Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development**. Wiley Ed.: New York. 1983.
- MACCOBY, E. E. The role of parents in the socialization of children: An historical overview. **Developmental Psychology**, v. 28, n. 6, p. 1006-1017, 1992. doi: 10.1037/0012-1649.28.6.1006
- PEREIRA, N. L. **Crianças pré-escolares com síndrome de Down e suas interações familiares**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.2001.
- RANGE, B. (Org). **Psicoterapias cognitivo-comportamental: um diálogo com a psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed. 2001
- SALVADOR, Cesar Coll; MESTRES, Mariana Miras; GOÑI, Javier Onrubia;

SCHMIDT, M.L.S e OSTRNOFF. V.H. **Oficinas de criatividade: elementos para explicitação de propostas teórico-práticas.** Em Henriette T.PMorato (Org), Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: Novos Desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo. Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1999.

SÓLCIA, I. V. **Âmbito familiar: a reação da família frente a notícia da deficiência dos filhos.** Monografia apresentada na Universidade Estadual do Norte do Paraná. 2004.

WEBER , L. N. D.; PRADO, P. M.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. **Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos.** Parenting style: perceptions of children and their parents. Psicologia: Reflexão e Crítica, V. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.